

RELIGIÃO / RELIGIÕES

POULAT, Émile, **Notre laïcité ou les religions dans l'espace public. Entretiens avec Olivier Bobineau et Bernadette Sauvaget**, Desclée de Brouwer (Groupe Artège : www.artege.fr), Paris, 2014, 100 p., 170 x 110, ISBN 978-2-2200-6633-2.

Émile Poulat – sociólogo, historiador e jurista, com 92 anos de idade e uma larga experiência de conhecimento interdisciplinar, tendo sido director da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, director de investigação no CNRS e professor de História da Igreja contemporânea – com a sua longa experiência e o seu aturado estudo e muito saber, responde aqui a múltiplas questões que lhe são postas pelos dois interlocutores referidos em subtítulo sobre a laicidade ou as religiões no espaço público. Tem em vista particularmente a incidência deste valor na situação francesa dos nossos dias, sem contudo deixar de fazer incursões na história passada, para melhor ajudar a compreender o presente.

Porquê a laicidade continua a ser objecto de debate? Quais são precisamente os seus princípios? E quais as suas origens? Porque é que são o Islão e a escola, ou os dois de uma vez só, que desencadeiam mais frequentemente a polémica? Que pensar sobre as guerras de religião? Etc. etc.

Estamos diante de um livro relativamente pequeno, mas recheado de informação essencial e de critérios de juízo sabiamente pensados. Comporta três capítulos e uma «nota explicativa». O primeiro capítulo anda à volta das origens da laicidade. O segundo analisa «a laicidade, do século XIX à lei de 1905». O terceiro, faz o mesmo com «a laicidade no final do século XX: os

debates sobre o Islão e a escola». A «Nota explicativa» informa sobre a história e evolução da ideia de laicidade, ou dos seus «pais espirituais». Com uma bibliografia selectiva no princípio (pp. 11-12).

JORGE COUTINHO

FILOSOFIA

CHANTRE, Benoît, RIQUIER, Camille, et WORMS, Frédéric (dir.), **Pensée de Péguy**, Desclée de Brouwer (Groupe Artège : www.artege.fr), Paris, 2015, 312 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06643-1.

Neste volume encontra o leitor recolhidos e publicados os estudos sobre o seu pensamento apresentados no colóquio organizado em 14 e 15 de maio de 2014 na Escola Normal Superior e no Instituto Católico de Paris, colóquio comemorativo dos cem anos decorridos sobre a morte de Charles Péguy, em 1914.

Como dizem os organizadores, no prefácio, trata-se de uma figura altamente controversa que, todavia, soube ler os sinais dos tempos do seu presente na sua projecção para o futuro que temos vindo a viver nós próprios. Por isso, escrevem também, mais que interpretarmos Péguy, é Péguy quem nos interpreta. Com efeito, a crise que estamos atravessando – política, social, cultural – estava já prevista nos escritos daquele pensador, ao mesmo tempo subversivo e contraditório. Daí que, mais que uma comemoração, o referido colóquio tenha sido um testemunho da actualidade da sua vida, da sua vitalidade e sobretudo do seu pensamento. Um pensamento, sem dúvida, pluriforme, a ponto de se poder falar de vários Péguy, ele mesmo pluriface-

tado: revolucionário, socialista, historiador, jornalista, panfletário, filósofo, poeta....

A sua obra completa encontra-se hoje, felizmente, reeditada pela « Bibliothèque de la Pléiade », pelo que se torna possível relê-lo no novo horizonte de compreensão que é o do tempo presente, certos de que relê-lo é subverter os nossos hábitos adquiridos e, como atrás ficou dito, deixarmos-nos interpretar por ele no seu génio de pensador de seu tempo com os olhos na evolução da história futura.

Não sendo fácil resumir aqui o denso conteúdo dos estudos dos autores que sobre ele se debruçaram, apresentamos as grandes perspectivas a que o colóquio obedeceu e que aqui estão reflectidas: 1) Relações; 2) Reflexões; 3) Regressos; 4) Réplicas; 5) Retomas. São autores dos estudos: Pauline Bruley, Benoît Chantre, Jean-Louis Chrétien, Emmanuel Falque, Alain Finkielkraut, Philippe Grosos, Jacques Julliard, Pierre Manent, Yann Moix, Jean-François Petit, Jean-Michel Rey, Camille Riquier, Alexandre de Vitry e Frédéric Worms.

JORGE COUTINHO

POULAT, Émile, **Le désir de voir Dieu et sa signification pour la théologie française contemporaine**, suivi d'un entretien avec Yvon Tranvouez et François Trémolières, Desclée de Brouwer (Groupe Artège : www.artege.fr), Paris, 2015, 358 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06703-2.

Este ensaio de Émile Poulat – investigador e, durante muitos anos, director de investigação do CNRS e também director da École des hautes études sociales, especialista na temática da laicidade – foi escrito em 1949, quando o autor, ainda jovem, era leitor na Universidade de Fribourg-in-

-Brigau. Nesse tempo debatia-se bastante o tema do desejo de Deus como via de acesso a Ele. Era um tema da tradição tomista, embora de raízes mais antigas, nomeadamente platónicas e agostinianas. O autor faleceu em 2014. A decisão de o publicar agora, a uma grande distancia da sua escrita, é explicada por Poulat, em posfácio, nos seguintes termos: «Não pudemos defender-nos de uma impressão de mal-estar ao seguir as discussões sobre as noções de apetite, de desejo, de poder, flores secas de um velho herbanário, que haviam sido outrora vivas e perfumadas mas de que temos hoje dificuldade em lhes encontrar a presença familiar». Ele fazia apelo a uma filosofia da «experiência vivida», na senda de Maurice Blondel.

O texto de Poulat é precedido de uma introdução relativamente extensa (pp. 7-50), escrita pelo editor do texto, François Trémolières. Nela é explicado o contexto da sua escrita, bem como o sentido global do mesmo. Por sua vez, Poulat começa, ele mesmo, por se debruçar sobre a história e o desafio da controvérsia sobre o tema ao tempo em que escreveu o seu livro (1949). Em capítulos seguintes, versa sucessivamente sobre os elementos do problema, o respeito do mistério (com preocupação de salvaguarda da transcendência e seus graus, sobre o papel da fé e sobre o necessário esforço de orientação para a racionalidade). Reflecte a seguir sobre a metafísica do desejo (teoria do desejo condicional, querer perfeito e querer condicional, desejo inato e problema da finalidade, etc.). O único fim do espírito é o tema do capítulo V, onde reflecte sobre a condição da criatura espiritual e o sentido da criação, a teoria da «natureza pura», a ideia de natureza e a revelação cristã, o equilíbrio e a ambiguidade do tomismo. O capítulo VI leva por título «Sob o signo da separação». É um capítulo em que Poulat